

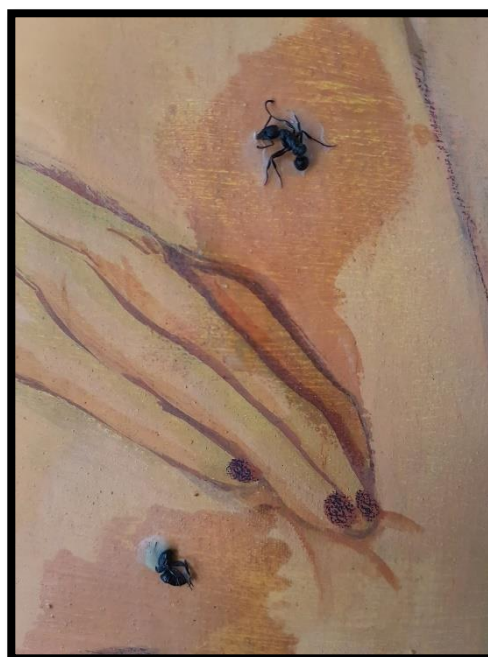
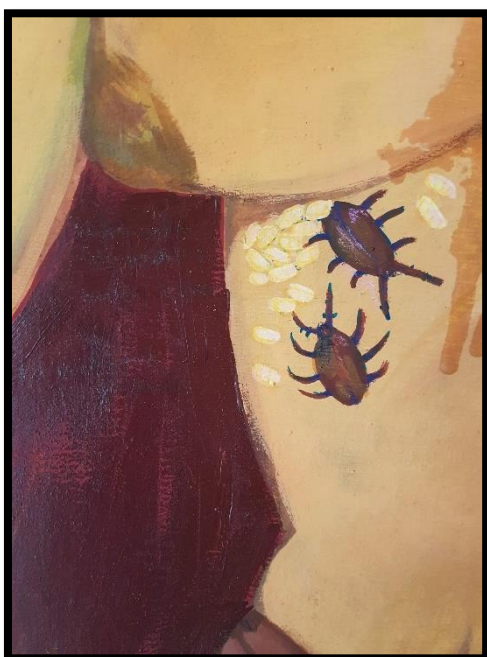
EUGÊNIO CHAVES NAKAYAMA

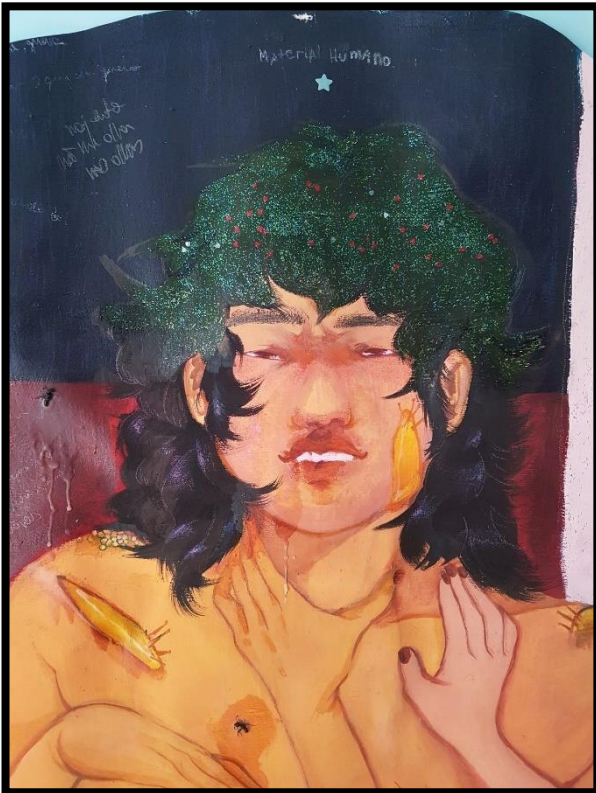
Pintura, poesia e performance

MATERIAL HUMANO



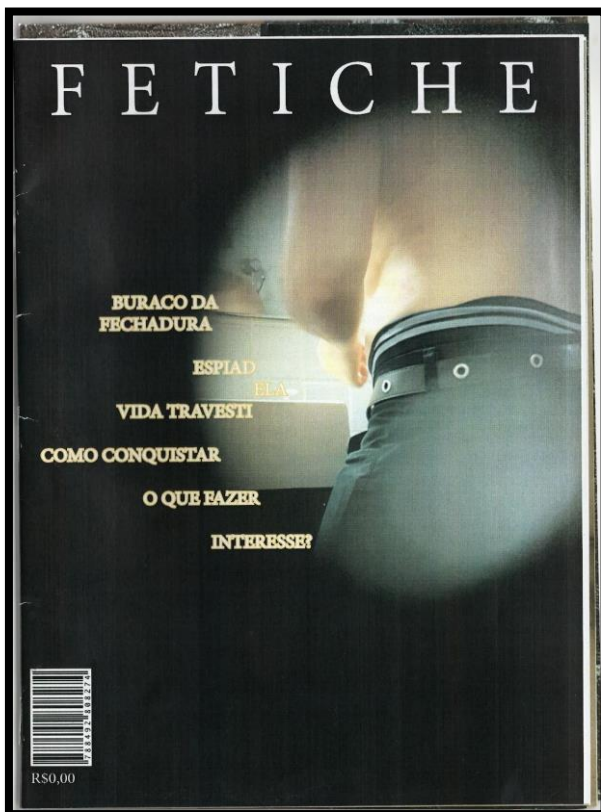
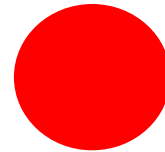
Eugênio Chaves. Material Humano (2019)
Guache, tinta acrílica, encáustica, lápis, glitter e adesivos sobre tela gessada 84,5 cm (diâmetro)





MATERIAL HUMANO

É uma pintura por meio da qual penso questões muito ambíguas dentro de mim, que acredito que são também inerentes a uma experiência não cisgênera. A figura central da pintura tem o meu tamanho, e por isso a instalação deve ser precisa, para que seus olhos fiquem na altura dos meus, para que seja visto assim como eu sou. Há inscrições em quase toda a extensão da tela, que trazem textos pessoais, falando de agressões e de amor. Penso em uma situação em que se vê e se é visto como algo repugnante, mas em que ainda assim é possível estar em uma relação de amor consigo mesmo. A encáustica, os insetos, tudo é grotesco, mas coberto com glitter. Sexual e ensaiado, mas é o espelho de uma realidade, através do qual olho e me deixo ser visto.



FETICHE

Foi uma edição de revista, paródia de uma publicação pornográfica, que tem como tema principal o fetiche por transexuais. O volume de 20 páginas contém textos, propagandas e imagens, tiradas da perspectiva de um voyeur que espia através de um buraco de fechadura. Ela traz a objetificação do corpo trans de maneira agressiva, seja pelos textos ácidos e gráficos, ou pelas imagens violentas e até um pouco explícitas. A questão que vem à tona então é justamente a dualidade que vivem pessoas trans (e mulheres, e não brancos...) que são escondidas pelas famílias, que tem seu estilo de vida e vestimenta monitorados, que são empurradas para a marginalidade, de quem não se fala, mas ao mesmo tempo que são objeto de desejo, de fantasia. Mas que fantasia é essa se somos também feitos de carne e osso?

CARNE VIVA

O seguinte texto constitui uma poesia, mas também é parte de um trabalho de performance. A performance, podendo ocorrer em qualquer local, constitui-se no artista, sem camisa e usando roupas simples (calça preta, descalço), recitando o texto abaixo em meio a um público que não necessariamente tem conhecimento do acontecimento da performance. Enquanto recita o texto, o performer circula pelo espaço e procura estabelecer conexões com os observadores, tenta chamar sua atenção com contato visual, mantendo uma dinâmica de conversa, tendo em vista que só o que pode falar é o texto já existente. Assim, o tempo de duração da performance é variado, pois depende da interação ou não do público, se há interações mais agressivas ou amigáveis, podendo durar até algumas horas. Não possuo registros de quando foi executada, em 2019, mas o texto pode ser apresentado por si próprio, pois o enxergo não como complemento da performance, mas como um trabalho de poesia em si.

“Retiro minha pele. Camadas de tecido que se enrolam sobre si, dobra sobre dobra, curva sobre curva. Cada textura, cada marca, mancha, pinta, cicatriz, dispo-me delas assim como de minha humanidade, as penduro em um cabide e guardo no armário.

Minhas entranhas, recolho uma a uma, coloco em pequenos potinhos para consumo posterior. Esvazio-me de minha carne, fico leve.

Eu não sei mais ser, as coisas se misturam.

Não quero mais o que queria, só quero o que eu quero. O que eu quero? Nem sei.

Não me emociono mais, mas ainda assim choro. Insensível, mas tudo ainda dói. Trans.

Transito, transtorno, transo, transformo, transmorfo.

Transmorfismo mental, espiritual e emocional, mas não posso transformar o material.


Material humano, carne viva. Carne e osso. Mais carne é o que eu quero. Toda a carne.

Outra carne, qualquer outra.

O osso eu não quero. Quebra, torce, parte... e eu quebro.

Queria isso. Desossação da carne, carnificação da mente, mentificação do corpo. Não vale mais à pena, lutar pela mente sobre a carne.

No fim sobra só isso mesmo, a carne e os ossos, e a mente toda quebrada”



EUGÊNIO CHAVES NAKAYAMA. Nascido em São Paulo, 1998 (22 anos). Homem trans, queer. Minha pesquisa artística gira em torno do estudo e entendimento de experiências não normativas. Me vejo como trans e não branco em um espaço de escassez. Tenho interesse não apenas em falar das lutas e dificuldades, mas também da parte boa, trazer uma representação que seja verdadeira e não alimente ainda mais a ideia de mártir, daquele que é prisioneiro no próprio corpo, mas que traga as questões de forma real. Não fantasiando nossa realidade para o deleite alheio, mas trazendo um recorte (meu recorte) de uma realidade verdadeira, numa tentativa de normalizar essas representações. Para tanto, penso o que exatamente compõe essa realidade verdadeira? Não trago experiências sem um filtro pessoal, obviamente, e falo da realidade em suas camadas. Falo do que me é familiar, do feminino e do masculino, do que é bruto, doloroso, carinhoso, delicado, gore, de um imaginário queer. Atuo na arte porque preciso, como se precisa de ar, e vejo nela a possibilidade de enxergar o que há de inerentemente queer no cibernético e na cultura.